

Caboclinhos: Prática Espetacular em Dias de Festa

Mirian Walderez Oliva de Abreu

Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas - UFBA

Mestranda - Matrizes Estéticas na Cena contemporânea - Or. Antônia Pereira de Bezerra

Bolsa FAPEMIG

Professora do Departamento de Artes/ Teatro – Universidade Estadual de Montes Claros

Resumo: O trabalho tem como foco a manifestação cultural do Terno de Caboclinhos nas Festas de Agosto da cidade norte mineira de Montes Claros. O objetivo é descrever e refletir os elementos sócio-culturais e estéticos dessa prática espetacular, seu contexto sócio-cultural, histórico e motivacional. A investigação encaminha-se para o âmbito das noções teóricas da Etnocologia e estudos de pesquisadores acerca do tema, dentre eles Bião, Pradier, Burke, Ortiz, Duvignaud, Hall, Maffesoli, Strauss e Geerts. De caráter qualitativo, etnográfico, se desenvolve por observação participante em Diários de Campo, fotos e vídeo registro além de entrevista semi-estruturada. Pode se tornar referência como modelo de ação para criações cênicas, para os estudos culturais e pesquisas em teatro.

Traço inicialmente considerações sobre o termo espetacularidade, proveniente de espetacular, derivado do vocábulo espetáculo e sobre etnocologia, disciplina que alicerça os estudos dos comportamentos humanos espetaculares organizados e trata das artes do espetáculo. Situo aqui o fenômeno dos Caboclinhos, objeto desse estudo, como dentro destas perspectivas de compreensão das diversas manifestações das expressões humanas.

Etnocologia é destacada por Pradier (1999, p. 29) como “uma ciência da presença do vivo, uma disciplina devotada à descrição dos comportamentos emergentes fundadores de identidade”. Em “Contribuições para uma definição do conceito de etnocologia”, Chérif Khaznadar (1999, p.58) nos orienta que a disciplina “estuda, documenta e analisa as formas de expressões espetaculares dos povos, quer dizer, as manifestações espetaculares que são destinadas a um público, seja ele passivo ou ativo”, e que, no seu campo de estudo, entram as formas espetaculares “que são próprias de um povo, que são a expressão particular de sua cultura, que não pertencem ao sistema codificado do teatro tradicional”.

Em sua vasta produção sobre espetacularidade, Armindo Bião a traduz como o estado alterado de corpo e comportamento com que o atuante se coloca, uma forma lúdico-social organizada intencional para o olhar do outro. Sempre contrapondo as noções de “teatralidade” e “espetacularidade”, Bião (2009, p.163-164) define:

(...) espetacular é o que caracteriza o que é olhado.(...) Os macroeventos, que ultrapassam a rotina, são extracotidianos, e formam a espetacularidade.(...) Espetacularidade é a categoria dos jogos sociais onde o aspecto ritual ultrapassa o aspecto rotina: são os rituais religiosos, as competições esportivas, os desfiles e comícios, as grandes festas. O espaço “teatral” é aí mais definido que na teatralidade cotidiana. (...)

Presentes no mês de agosto nos cinco dias de festa do congado da cidade norte mineira de Montes Claros, Os Caboclinhos apresentam elementos diferenciados dos caboclos da região Norte do Brasil que costumam sair no período das festas do ciclo natalino, dos caboclinhos de alguns carnavais da região Nordeste e dos caboclos da umbanda.

Temos registros de cabocladadas com aspectos estéticos e motivacionais que se aproximam dos de Montes Claros, na cidade de Carinhanha (sul da Bahia) no documentário¹ intitulado “Caboclos da Festa do Divino” e na cidade de Serro, próximo a Diamantina, entre o Vale do Jequitinhonha e o norte de Minas gerais. Os grupos de Carinhanha e do Serro louvam e festejam o Império do Divino nos dias da festa religiosa católica de Pentecoste (cinquenta dias após a páscoa).

A Festa do Império do Divino acontecia na cidade de Montes Claros nos meados do mês de maio ou de junho até o século XIX, quando, segundo o antropólogo João Batista de Almeida Costa (2005)², “o bispado local determinou a junção da mesma com as festas de Nossa Senhora do Rosário”, que tradicionalmente aconteciam em agosto, agregando-se então aos festejos da Santa os do Santo Benedito e do Divino.

Dentre as diversas práticas espetaculares que acontecem na festa há aproximadamente 170 anos, os Caboclinhos se mantêm em sua singularidade, como único terno das guardas do Congado que se compõe de três ternos de Catopés e de dois ternos de Marujos. Hermes de Paula³ (1957, p. 612), em seu livro “Montes Claros, sua História, sua Gente e seus Costumes”, descreve:

Há mais de cem anos que nos dias 16, 17, e 18 de agosto se realizam em Montes Claros festas religiosas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo, respectivamente. Além das práticas puramente religiosas, tais como missas, bênçãos e levantamento de mastro, realizam-se também as marujadas, cabocladadas ou caboclinhos, catopés ou dançantes, cavalhadas e bumba meu boi.

Em cinco dias de festa pública, o terno acompanha da noite de quarta à manhã de sexta-feira os cortejos dos Mastros (onde se leva e levanta a bandeira do santo do dia) e dos Reinados (formados por reis e rainhas, príncipes e princesas, filhos, parentes e amigos dos festeiros do dia de cada santo – famílias que financiam os gastos com a decoração e

¹ Documentário produzido pelo do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia/TV Educativa -IRDEB/TVE, na série Bahia Singular e Plural.

² Professor da Universidade Estadual de Montes Claros/MG – UNIMONTES. “Os Catopés de Montes Claros” – texto produzido a pedido da prefeitura municipal para os cadernos da “Festa de Agosto/2005”.

³ Historiador, folclorista e médico montesclarenses, nascido em 06/12/1909 e falecido em 10/06/1983. Membro da Academia montesclarenses de letras, resgatou toda a história do município desde seus primeiros habitantes em 1707. Registrou, em oito elepês, modinhas da Seresta João Chaves (que dirigia) e canções infantis do norte de Minas.

alimentação da corte e que em sua maioria integram as devoções) de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito.

Na noite de sexta-feira o cortejo do Mastro do Divino, na manhã de sábado o cortejo do Império do Divino, louvor especial do terno, registrado em quatro bandeiras nas cores vermelha e branca com a imagem da pomba, símbolo do Divino Espírito Santo. No domingo, integram o Encontro Mineiro de Ternos de Congado e a procissão com todos os cortejos dos reinados e grupos que participam como convidados especiais e partilham das celebrações da festa.

Norberto Luiz Guarinello (2001,p.972) aponta que festa é produto da realidade social, de ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais. Implica a concentração de afetos, emoções e conflitos em torno de um objeto que é celebrado e comemorado se inscrevendo na memória coletiva, compartilha símbolos como ponto comum que define a unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. O autor atribui ainda:

Uma festa pode, certamente, representar uma tentativa de impor determinada identidade segmentaria ao conjunto da sociedade, seus sentidos podem ser forçados, manipulados, disfarçados. Toda festa pode (...)comportar uma multiplicidade de sentidos particulares, segmentados, não congruentes, pode ser lida de maneiras distinta por seguimentos distintos dos participantes (GUARINELLO, 2001, p.974).

Nos momentos da festa, ação coletiva que se dá nas ruas de alguns bairros e centro da cidade, dentro e nos espaços que circundam a Igreja do Rosário, o grupo entra num estado de espírito no qual vivenciam coletivamente um imaginário, que produz imagens do cruzamento das culturas indígenas e europeias do período colonial brasileiro, contextualizadas na perseguição do mestre de campo Matias Cardoso aos índios Tapuias no norte de Minas em 1691.⁴

Em sua performance, estão presente elementos dramáticos que atualizam as estratégias utilizadas pelos jesuítas para catequizar e converter os chamados meninos índios bem como as guerras e os massacre aos índios na região. Josias Pires Neto (2007, p.338)⁵ destaca que nessas estratégias de inserção à religiosidade católica, incluía-se o costume de fazer procissões com a presença de elementos lúdicos e teatrais para impressionar e atrair a simpatia dos índios, além do aprendizado de instrumentos musicais e cantos europeus incorporados às danças nativas.

⁴ Paula (1957, p. 05) relata a guerra que durou sete anos e que fez 700 índios prisioneiros na região do norte de Minas Gerais: "E a marcha continua sem descanso até estabelecer contato com Matias às margens do rio verde. Assentados os planos, iniciaram a guerra aos índios. Guerra fria, bem calculada, com o fito de fazer prisioneiros – escravos".

⁵ In: BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho (org.). Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia. Salvador: P&A Editora, 2007.

A Brincadeira, como os próprios praticantes a auto-denominam, atualmente, reúne 42 componentes entre adultos, jovens e, a maior participação, de crianças e pré-adolescentes (05 a 17 anos). Há predominância do gênero feminino desde a década de 1980, quando o senhor Joaquim Pólo assumiu a caboclada. Antes disso, a presença masculina predominava e praticava a representação dos personagens femininos da caboclada.

Em seus momentos espetaculares e de festa nas ruas de alguns bairros e centro da cidade, dentro e nos espaços que circundam a Igreja do Rosário, cantam e dançam em fileira, com variação de passos que vão de acordo com a geografia das ruas e marcação das músicas tiradas pela Mestre Maria do Socorro Pereira Domingues e Contra- Mestre Waldir Leal Pereira, os dois filhos do falecido mestre Joaquim Pólo. Os cantos são acompanhados por um grupo de violeiros com instrumentos de corda (viola, violão e rabeça enfeitados com adesivos de ícones televisivos colados no corpo dos instrumentos).

Apresentam-se com indumentária⁶ de motivos indígenas, arco e flexa (que serve também para marcar a pulsação em alguns cantos). Utilizam de texto falado, cantado e gestualizado, encenam na rua ou dentro da igreja, o que nomeiam de “A morte da Mamãe Vovó”. Na encenação são envolvidos os personagens com máscaras: Mamãe Vovó (atualmente uma mulher) e Papai Vovô (um homem). Baktin (1987,p. 35) se refere à máscara como “o motivo mais complexo, mais carregado de sentido da cultura popular”, e destaca:

A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da consciência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter – relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos.

Outros personagens sem máscara atuam na brincadeira como a Caciconna (a mestra Socorro), Caciqum (uma menina) e todo elenco infanto-juvenil de caboclinhos (figuras que lembram curumins) e que em bailado trançam fios grossos de eletricidade que simbolizam cipós. É a Trança do Cipó⁷ bailado que faz parte da encenação, executada ao som de música instrumental. Os fios trançados formam uma cobertura que é sustentada pelos corpos dos caboclinhos construindo cenograficamente uma espécie de passadiço que nada mais é que uma armadilha para laçar o Papai Vovô e a Mamãe Vovó.

⁶ Os figurinos aos quais se referem como Fardas têm a predominância da cor vermelha, cor do Império do Divino. Para o coro de caboclinhos: saiote, revirão e cocá, enfeitados com penas coloridas além de flechas. Para Caciconna, Guias e Caciqum: mais fartura de penas em branco, vermelho e preto no saiote e cocá. Porta Bandeira: calça, revirão e cocás especiais, mulheres com penteados na sua maioria com tranças, colares e brincos de materiais naturais, em alguns dias se maquiavam de batom vermelho com motivos indígenas.

⁷ Apresentam nesta cena princípios de construção do texto dramático com tensão, desenlace e solução cômica, provavelmente num ato de rememoração da matança, perseguição e cativo ocorridos nas guerras de extermínio aos índios da região no final do século XVII.

Mamãe Vovó cai na armadilha e morre de tristeza. Logo após canto de louvor ao Divino, ela num ato de ressuscitamento levanta e dança enquanto todo o grupo também bailando em passos rasteiros canta: “Viva o Divino meu santim querido é os seus milagres que tem nos valido”. Aqui compreendemos um aspecto antropofágico dos Caboclinhos em relação ao catolicismo judaico cristão.

A prática espetacular dos caboclinhos apresenta elementos cênicos textuais, musicais, corporais, figurinos e adereços numa preocupação estética e artística, que revivifica pressupostos étnicos, culturais, sociais e históricos, contribuindo para a compreensão da realidade local montesclareense.

A manifestação, enquanto ato criador e inventivo é uma forma de aprendizagem cultural e artística que fortalece a comunidade participante. As motivações dos componentes em participar vão desde a fé no Divino e nos Santos dos homens pretos, passam pelo instinto, pelo agenciamento de afetos produzidos nas relações de parentesco e vizinhança e vão pelo desejo mágico de expressão em espetacularidade nos diversos espaços da cidade. Nos seus momentos de ação, como expressão de um comportamento artístico humano, singularmente, afetam e são afetados pelas marcas dos encontros sociais que foram se constituindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKTIN, Mikail. *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BIÃO, Armindo(org). *Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia*. Salvador: P&A Editora, 2007.

_____. *Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos*. Salvador: P&A Editora, 2009.

BURKER, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Companhia das Letras, 1989.

DUVIGNAUD. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1983.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Festa, Trabalho e Cotidiano*. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Íris (org.). *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

GREINER, Christine; BIÃO, Armindo (org.). *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós- modernidade*. Rio de Janeiro/ RJ: DP&A Editora, 2004

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: ED. Brasiliense. 1994

PAULA, Hermes de. *Montes Claros, sua história, sua gente e seus costumes*. Rio de Janeiro: 1957.